

Formando Estudiosos de Guerra

Volume 10, Número 1, Primavera de 2014
Editor: Robert J. Gray, Instituto de Estudos de Guerra

O FINAL DA Guerra Fria marcou uma nova era para o Exército dos EUA. Mudanças recentes desde a estrutura geopolítica, a natureza e o papel tradicional da família, até os valores individuais do soldado, têm afetado o Exército dos EUA de forma significativa. Como resultado, o Exército do século XXI é uma organização em transição. O nível institucional tem respondido com um desenvolvimento planejado e esforços para modernizar a força, com ênfase em novas tecnologias e missões. Igualmente, no nível do soldado, o Exército está planejando utilizar novas fichas de informações e conceder mais tempo para o adestramento básico.¹ Não obstante as mudanças impressionantes, o Exército deve avaliar o que é adequado. No ambiente pós-Guerra Fria de rápidas mudanças, o Exército não pode apenas reagir às mudanças correndo o risco de ficar para trás; deve perseverar na busca de uma abordagem que se adapte a elas. Uma área que sofre devido às mudanças na natureza da guerra é a educação de oficiais. O papel relativamente novo e evolutivo dos oficiais militares profissionais, exige constante estudo e a aplicação de conceitos sociológicos. Como disciplina, a sociologia proporciona um método sistemático para avaliar e organizar atividades sociais. O conhecimento da sociologia dá aos capitães e tenentes das armas combatentes as habilidades conceituais necessárias para operarem no moderno campo de batalha e os prepara para aproveitarem a avançada educação profissional mais tarde em suas carreiras.² Com efeito, o Exército pode melhor preparar seus oficiais para enfrentar as condições adversas e as mudanças associadas com as missões de hoje por meio de ensino universitário específico, em vez de depender somente de programas institucionais.

Reconhecendo o dilema atualmente enfrentado pelos líderes militares, o Centro de Estudos Estratégicos e

Internacionais formou um comitê em 1997 para avaliar o Sistema de Educação Militar Profissional (*Professional Military Education — PME*) e fazer recomendações. O comitê concluiu que “as escolas militares e universidades devem fazer mais para ajudar o corpo de oficiais a se adaptar aos rápidos avanços da tecnologia da era da informação e às mudanças da missão da era pós-Guerra Fria.”³ O comitê observou que um capitão do Exército em patrulha na Bósnia não tem apenas muito mais informação e tecnologia avançada à sua disposição do que teria tido há apenas poucos anos, mas também enfrenta um ambiente operacional bem mais complexo. As missões de hoje exigem que o capitão seja também um negociador, diplomata, soldado, e que promova a manutenção da paz.⁴ Porém, mesmo tendo identificado o problema que atinge os oficiais subalternos da atualidade, o comitê não relacionou a solução às mudanças propostas no sistema de Educação Militar Profissional.

Formação de Oficiais

Em 1802 a Academia Militar dos EUA (*United States Military Academy — USMA*) foi fundada, marcando uma das primeiras tentativas dos EUA de padronizar o adestramento do oficial do Exército. Desde então, a formação do oficial tem passado por várias mudanças significativas, mas, ao mesmo tempo, permanece baseada em dois distintos componentes que se inter-relacionam: a vida melhor e o intelecto.

A vida militar relaciona-se à identidade inerente ao oficial novato, formada por meio da seleção, instrução institucional e de tutela informal.⁵ Idealmente, instila em jovens oficiais um sentido de fraternidade e de um compromisso altruísta suficientemente forte para poder suportar as abrangentes exigências da instituição.⁶ No final das contas, a vida militar liga todos os oficiais do Exército, independente de suas armas, e orienta a

sua conduta e aperfeiçoamento constante através de suas carreiras.

O *intelecto* representa as habilidades técnicas e mecânicas necessárias aos oficiais enquanto executam suas funções. As revoluções militares dos séculos XVI e XVII redefiniram o corpo de oficiais. No início do século XVIII os grandes exércitos perceberam que era demasiado dispendioso que os oficiais se profissionalizassem unicamente por meio do que aprendessem como resultado das experiências no campo de batalha. Como resultado, surgiram as escolas de estado-maior especializadas e a primeira escola permanente de oficiais de estado-maior foi criada na França em 1780.⁷ Diferentemente, a Academia Militar dos EUA dedicou-se a candidatos a oficial em vez da formação de oficiais experientes como o faziam as escolas militares européias. Este arranjo permitiu que seu corpo docente, principalmente militar, se dedicasse ao desenvolvimento da vida militar e do intelecto simultaneamente. Um sentido comum de competência nasceu do domínio de habilidades militares especializadas, uma condição que eventualmente definiu o serviço comissionado do Exército como profissão.⁸

Apesar de ser estabelecida como profissão, a de oficial do Exército permanece dinâmica. Contínuas mudanças na guerra têm causado mudanças na profissão das armas, um processo evidenciado quando se estudam as modificações no desenvolvimento intelectual do oficial. Durante as décadas iniciais de sua existência, a Academia Militar dos EUA proporcionou educação profissionalizante e serviu como fonte das doutrinas do Exército referente a táticas e estratégia.⁹ Em consequência da expansão para o oeste, o papel do oficial do Exército se adaptou para incluir o desenvolvimento da infra-estrutura na fronteira. Respondendo a isso, o currículo da Academia também mudou, fundando o campo da engenharia civil.¹⁰ Este fato marcou a primeira vez em que se fizeram mudanças no adestramento de oficiais do Exército, em resposta às suas atividades, sem que estas tivessem relação à guerra.¹¹ Contínuas mudanças no currículo permitiram à Academia Militar dos EUA se tornar membro da Associação das Universidades Americanas em 1927. Em 1933 o Congresso autorizou a Academia Militar dos EUA e a Academia Naval dos EUA a outorgarem o grau de Bacharel em Ciências.¹²

Concomitante às mudanças do papel do oficial do Exército na expansão para o oeste, um despertar intelectual entre alguns dos oficiais provocou o Exército a considerar o aumento de estudo das “atividades teóricas e práticas da profissão” dos oficiais.¹³ Este incentivo levou ao estabelecimento de uma escola para a aplicação da infantaria e cavalaria, e outra para a artilharia leve e a Escola Superior de Guerra do Exército

dos EUA, em 1901.¹⁴ O novo sistema de Educação Profissional Militar, estabelecido pouco antes da II GM, deu aos oficiais uma ampla educação inicial que continuava com o adestramento especializado uma vez que entrassem no Exército Ativo. As demandas de mobilização da II GM interromperam a Educação Profissional Militar, mas o Exército voltou a usá-la depois da guerra e continuou a aperfeiçoá-la.

A Educação Universitária: Historicamente

O crescimento quase exponencial do Exército entre 1939 e 1944 virou a Educação Profissional Militar de cabeça para baixo, praticamente anulando os avanços

Hoje, dada a magnitude e a quantidade de mudanças que afetam o militar, nem todas as faculdades podem satisfazer adequadamente a parte intelectual do desenvolvimento do oficial. Embora algumas faculdades e universidades possam fazê-lo, o Exército não pode supor que qualquer grau de bacharel seja adequado para a maioria dos oficiais.

que haviam sido feitos durante os 50 anos anteriores. O programa universitário da Academia Militar dos EUA foi comprimido e acelerado para cumprir com as necessidades mais imediatas enquanto a quantidade de estudantes diminuiu.¹⁵ Oficiais de reserva, que haviam cursado o equivalente aos NPOR nas universidades civis, foram mobilizados ao mesmo tempo em que as atividades dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva (*Reserve Officer's Training Corps — ROTC*) foram suspensas.¹⁶ Em vez disso, o Exército passou a depender principalmente das Escolas de Candidatos a Oficiais (*officer candidate schools — OCS*) — que não exigiam uma educação universitária — para preencher seus quadros.¹⁷

Apesar da interrupção causada pela II GM na Educação Profissional Militar, esta, no final, levou a duas mudanças positivas: a formação de oficiais profissionais que lidassem com outros assuntos militares não convencionais (tais como políticos e econômicos) e à necessidade de padronizar a Educação Profissional Militar em todas as forças singulares.¹⁸ No final da guerra, a Academia Militar dos EUA continuava a comissionar oficiais com títulos de bacharel, mas não conseguia satisfazer a maior necessidade do Exército por oficiais de carreira.¹⁹ Como resultado, durante a Guerra da Coréia, os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva sofreram uma grande expansão com o

conseqüente aumento no número de oficiais da reserva recebendo comissões na ativa³⁰ Além disso, em 1952, os programas de admissão ao CPOR foram padronizados e passaram a exigir um grau universitário, em qualquer área, para aqueles que desejassem obter posições na ativa.²¹ O ensino em áreas que não fossem assuntos convencionais militares foi delegado às escolas militares no outro extremo do Sistema da Educação Profissional Militar.²²

Uma educação universitária serve o oficial do Exército de várias maneiras. Primeiro, o grau universitário demonstra a capacidade do oficial para aprender e a sua autodisciplina. Da mesma forma, o processo de adquirir uma educação universitária em si desenvolve o pensamento crítico e o poder de raciocínio necessários para enfrentar imprevisíveis e inespecíficos problemas futuros. Outrossim, uma educação universitária pode prover futuros oficiais com habilidades específicas que não podem ser adquiridas no adestramento institucional do Exército.²³ Atualmente, a educação pós-secundária (que inclui a Escola Militar dos EUA) geralmente oferece diplomas baseados em disciplinas obrigatórias das quais o aluno seleciona uma área de estudo, ou especialização. Historicamente, mudanças evolucionárias na educação universitária têm sido suficientes para satisfazer as necessidades do Exército. Até recentemente, mudanças no currículo universitário têm atendido às mudanças no papel do Exército e às necessidades do oficial profissional. Independente da arma ou serviço, praticamente todo grau universitário garantia um desenvolvimento intelectual adequado para o oficial e satisfazia as necessidades do Exército.

Educação Universitária: Presente e Futuro

Hoje, dada a magnitude e a quantidade de mudanças que afetam o militar, nem todas as faculdades podem satisfazer adequadamente a parte intelectual do desenvolvimento do oficial. Embora algumas faculdades e universidades possam fazê-lo, o Exército não pode supor que qualquer grau de bacharel seja adequado para a maioria dos oficiais. O Exército está passando por grandes mudanças devido a pressões internas e externas. Embora permaneçam válidos os dois componentes da formação do oficial, processos e produtos específicos destes — a educação universitária em particular — devem também acompanhar as mudanças.

Duas mudanças significativas afetam o Exército e os líderes militares: avanços nos métodos (tecnologia) de guerra e variações na natureza da guerra, incluindo a manutenção da paz e o contra terrorismo. Estas duas forças, pela sua própria natureza, afetam sobremaneira os oficiais subalternos. Em escalões mais altos, oficiais especializados ocupam posições de estado-maior e

se mantêm atualizados sobre mudanças específicas, proporcionando aos comandantes superiores conselho adequados sobre suas missões. Porém, estados-maiores abaixo do nível divisão têm mais pessoal com conhecimento generalizado do que especializado. Nesses níveis subordinados, oficiais de estado-maior também aconselham comandantes sobre assuntos relacionados às suas missões. Mas, ao contrário dos que servem nos escalões superiores, estes capitães e tenentes de estado-maior recebem um adestramento quase idêntico dentro do sistema de Educação Profissional Militar — seu adestramento especializado é limitado. Assim, se o Exército origina uma força desenhada com base em unidades valor brigada, a quantidade de oficiais de estado-maior especializados que prestam assistência a comandantes diminui ainda mais.²⁴ Consequentemente, à medida que a guerra moderna força líderes subordinados a tomarem decisões importantes, a necessidade por uma educação e um adestramento maiores e mais especializados aumenta nos níveis mais baixos. Uma maneira de satisfazer essa necessidade é dar mais enfoque ou especializar o desenvolvimento inicial do oficial além das necessidades técnicas das qualificações básicas da arma.

O Exército tem respondido às mudanças nos métodos de guerra com iniciativas da Força XXI e do Exército Após o Próximo, representando uma abordagem sistemática em toda a instituição afetando tudo desde a doutrina estratégica até o adestramento individual do soldado.²⁵ Porém, nem todas as adaptações do Exército com relação às mudanças na guerra têm sido tão metódicas. Enquanto o Exército eficaz e agressivamente lida com as mudanças, outros aspectos, relacionados com a natureza mutante da guerra e relações entre civis e militares, aguardam revisão.²⁶

Mudanças na natureza da guerra alteraram as habilidades necessárias à sua conduta, mas a capacidade de agir decisivamente e empregar a coerção continuará a ser essencial.²⁷ A possibilidade de emprego da violência controlada presta validade a muitas novas tarefas militares sob o título de operações militares de não guerra (*military operations other than war — MOOTW*). Tendo estabelecido a sua credibilidade como uma força de combate, o Exército dos EUA encontra-se agora mais freqüentemente engajado em operações tais como as de assistência humanitária, desenvolvimento de nações, e de imposição da paz. Por exemplo, em 1998, o Exército dos EUA contava com 143.000 soldados desdobrados em 77 países participando em 214 missões distintas.²⁸

No passado, quando as missões do Exército dos EUA eram mais convencionais, os oficiais subalternos recebiam suficiente educação e adestramento especializados das fontes institucionais. Atualmente, devido às missões mais diversificadas, maior número de ameaças e

Foto: Exército dos EUA



O presidente Bush entrega o diploma a um graduado da Academia Militar dos EUA durante a cerimônia de formatura em West Point, em junho de 2002.

às restrições orçamentárias, o adestramento militar institucional já não é capaz de preparar os oficiais subalternos adequadamente para as diversas hipóteses encontradas dentro do espectro total do conflito. Perfis de missões atuais e futuras exigem que líderes militares trabalhem dentro de ambientes definidos pelo envolvimento de forças armadas estrangeiras, por organizações não governamentais, uma variedade de líderes locais, assuntos humanitários e forças de segurança adversárias.²⁹ Os oficiais de amanhã precisam de educação acompanhada de um adestramento que lhes permita avaliar uma variedade de missões e compreender suas dimensões humanas. Uma forma de preparar líderes para esse ambiente é adestrá-los na aplicação da sociologia.

A Sociologia e o Adestramento de Oficiais

Incentivar o adestramento e a educação de sociologia não significa que todo oficial deva se tornar um sociólogo — muito pelo contrário. O aumento na complexidade e na divisão do trabalho exige um serviço militar composto de especialistas em muitas áreas. Deste modo, como o Exército requer vários especialistas, outros com conhecimentos acadêmicos continuarão a servir o Exército preenchendo diversas funções. Porém, para aqueles líderes na “linha de frente”, um conhecimento acadêmico em sociologia pode ser a mais eficiente e

Durante as décadas iniciais de sua existência, a Academia Militar dos EUA proporcionou educação profissionalizante e serviu como fonte das doutrinas do Exército referente a táticas e estratégia. Em consequência da expansão para o oeste, o papel do oficial do Exército se adaptou para incluir o desenvolvimento da infra-estrutura na fronteira. Respondendo a isso, o currículo da Academia também mudou, fundando o campo da engenharia civil.

útil especialização universitária. Os oficiais subalternos militares que executam as funções básicas do Exército se beneficiariam de um maior entendimento das ciências sociais, em particular de conceitos sociológicos.

Oficiais subalternos na “linha de frente” enfrentam uma variedade maior de fatores relevantes e precisam de ferramentas para organizar as diversas situações e de informação para responder eficientemente. Em termos de adestramento acadêmico, a sociologia satisfaz essas necessidades proporcionando uma base pela qual se integram e sintetizam outros campos para posterior aplicação às condições sociais. A sociologia integra e usa componentes de várias outras ciências sociais

ao considerar a “vida social e o comportamento, especialmente em relação a sistemas sociais — como funcionam, como mudam, quais as conseqüências que produzem e seus complexos relacionamentos com a vida das pessoas”.³⁰ Pesquisas contemporâneas sobre os relacionamentos entre civis e militares aplicam a sociologia a assuntos militares, mas não costumam aplicá-la, intencionalmente, durante as operações. O estudo da sociologia produz oficiais profissionais mais eficientes. Segal, Segal e Wattendorf sustentaram essa postura quando discutiram as vantagens de um programa de sociologia na Academia Militar dos EUA.³¹ Eles argumentam que este é provavelmente o objetivo de qualquer programa de sociologia em um ambiente educacional de estudo profissional.

A Necessidade de Guerreiros Acadêmicos

Mudanças na natureza da guerra exigem que capitães e tenentes de armas combatentes sejam guerreiros acadêmicos. O oficial profissional produzido por uma

Mudanças na natureza da guerra alteraram as habilidades necessárias à sua conduta, mas a capacidade de agir decisivamente e empregar a coerção continuará a ser essencial. A possibilidade de emprego da violência controlada presta validade a muitas novas tarefas militares sob o título de operações militares de não guerra (military operations other than war — MOOTW). Tendo estabelecido a sua credibilidade como uma força de combate, o Exército dos EUA encontra-se agora mais freqüentemente engajado em operações tais como as de assistência humanitária, desenvolvimento de nações, e de imposição da paz.

educação militar, complementado com um estudo de conceitos sociológicos, é um guerreiro acadêmico. Este conceito é uma variação do soldado-estadista/soldado-diplomata de Segal.³² Guerreiros devem ser acadêmicos, de acordo com Segal, porque “a variedade de atividades militares que os profissionais das armas terão que abordar será ampliada... e é provável que isso tenha implicações políticas nos níveis mais baixos do funcionamento organizacional”.³³ Isso implica em que os líderes pós-Guerra Fria sejam acadêmicos porque suas decisões e ações em futuros campos de batalha deverão refletir a deliberação e o entendimento de relacionamentos

sociais e políticos mais amplos. Esse entendimento ajudará a identificar as conseqüências decorrentes de suas decisões e ações.

As características do guerreiro são igualmente críticas nos líderes pós-Guerra Fria — especificamente, os oficiais dos escalões subordinados devem continuar sendo capazes de empregar a tradicional força militar. A sugestão de que comandantes militares terrestres ficarão confinados a assuntos técnicos militares e políticos dentro de um ambiente de manutenção de paz, indica, por exemplo, uma falha em reconhecer a incerteza operacional.³⁴ É importante que os que mantêm a paz se mantenham firmes sob fogo ou pressão e que impeçam que os combatentes causem danos a terceiros. Um exemplo seria “a evacuação de uma área para permitir a passagem de um comboio em segurança”.³⁵

Missões militares têm sido bem-sucedidas no passado sem guerreiros acadêmicos, mas a sua ausência não afetava a cadeia de comando militar inteira. De fato, vários acadêmicos (mais notavelmente Morris Janowitz) sugeriram educar forças militares de elite que já possuem os valores do guerreiro acadêmico. Com base nos estudos dos oficiais de maior hierarquia no Exército, Janowitz afirma que os profissionais militares devem ter “uma educação honesta e realista sobre assuntos políticos” e que devem seguir padrões de carreira que os sensibilizem sobre as conseqüências políticas e sociais das ações militares.³⁶ Cedo na Guerra Fria, Janowitz explicou como e porque uma instituição militar eficiente deve depender de forças militares de elite como um meio de “manter um equilíbrio apropriado entre técnicos militares, líderes heróicos e administradores militares”.³⁷ Características destes dois últimos tipos de líderes fazem parte da definição do guerreiro acadêmico.

Definindo uma tropa militar, Janowitz previu um núcleo de militares de elite liderando oficiais subordinados cujas funções os colocaria em um dos três tipos de líderes acima descritos.³⁸ À medida que oficiais subalternos sobem de posto, misturam-se os papéis de administrador militar com os de líder heróico. Como resultado, os oficiais mais antigos representam uma combinação equilibrada destes dois tipos, enquanto subordinados continuam a se desenvolver dentro de um deles.³⁹ O papel dos tecnólogos militares descritos por Janowitz continua a ser praticamente o mesmo hoje em dia, mas os do administrador militar e do líder heróico têm evoluído. Todos os oficiais das armas combatentes devem se tornar guerreiros acadêmicos buscando obter um equilíbrio interno entre o líder heróico e o administrador militar. O Exército só tem tido sucesso com guerreiros acadêmicos no nível da elite militar. Para ter sucesso no futuro, os guerreiros acadêmicos devem existir em cada nível da cadeia de comando.⁴⁰ Porém, a necessidade de formar oficiais subalternos como



Oficial da Equipe Tática de Operações Psicológicas 913 do Forte Bragg, Carolina do Norte, toma nota durante debates realizados com os membros mais antigos da vila de Haqdad Kelay, nas imediações do Aeroporto de Kandahar, como parte da Operação Enduring Freedom.

guerreiros acadêmicos torna os métodos tradicionais da formação de oficiais obsoletos.

Aplicação Teórica da Sociologia

O desenvolvimento da “imaginação sociológica” proporciona direção aos líderes do século XXI para que apliquem a sociologia e para que compreendam melhor os mais amplos relacionamentos sociais.⁴¹ As pessoas hoje em dia sentem-se muitas vezes incapazes, isoladas e sem soluções para influenciarem seus próprios destinos. Elas precisam mais do que apenas informação: “nesta ‘Era de Fatos’, a quantidade de informação muitas vezes domina a sua atenção e dificulta-lhes a assimilação. Não é apenas da habilidade de raciocinar que precisam — apesar de que sua luta por adquiri-la muitas vezes esgota-lhes a limitada energia moral. O que precisam, e o que sentem que precisam, é uma qualidade mental que as ajudará a usar a informação e desenvolver um raciocínio que lhes proporcione uma clara visão sobre o que está se passando no mundo e sobre o que possa estar se passando dentro de si mesmas”⁴².

A habilidade de obter tal entendimento e raciocínio é a imaginação sociológica. Uma pessoa desenvolve a imaginação sociológica ao reconhecer as circunstâncias históricas únicas ou específicas de uma sociedade em particular e seus efeitos sobre os indivíduos enquanto reconhece os efeitos recíprocos destes, um processo freqüentemente explicado como sendo o entendimento

da interseção da história e a biografia. O conhecimento adquirido pela aplicação da imaginação sociológica reduz a sensação de incapacidade e isolamento social do indivíduo.⁴³ As pessoas que não entendem o seu papel na sociedade mais ampla tornam-se corruptíveis e são facilmente desencaminhadas por elites poderosas buscando promover suas próprias ambições.⁴⁴ Os oficiais subalternos devem aplicar a imaginação sociológica para melhor entender a estrutura social na área da operação e responder apropriadamente às suas missões.

Embora os escalões militares superiores possam avaliar uma sociedade da perspectiva de nação-estado, um comandante de companhia, prestando assistência humanitária a um vilarejo, deve considerar o vilarejo uma sociedade e agir de acordo. Os oficiais subalternos, que aplicarem a imaginação sociológica às seguintes três questões, poderão, sistematicamente, avaliar várias situações e sociedades com as quais terão que lidar no século XXI:

- Qual é a estrutura da sociedade como um todo? Quais os seus componentes essenciais e como se relacionam uns aos outros? De que maneira é ela diferente de outras ordens sociais? Dentro dela, qual é o significado de qualquer característica em particular que lhe preste continuidade e capacidade para mudar?
- Qual é o lugar desta sociedade com relação à história da humanidade? De que forma está mudando? Qual é o seu papel e o seu significado, para o desenvolvimento

da humanidade como um todo? De que forma suas características particulares afetam o período histórico de sua existência? Como é ela, por sua vez, afetada?

- Quais os homens e mulheres que prevalecem nesta sociedade e período? Quais continuarão a prevalecer? De que maneiras são selecionados e formados, liberados ou reprimidos, tornados sensíveis ou insensíveis?⁴⁵

As respostas a essas perguntas proporcionam um entendimento sobre uma sociedade, especificamente sobre a interação entre relevantes biografias e a história social. A imaginação sociológica considera as variáveis pertinentes a uma situação por meio da inclusão no algoritmo dos atores participantes e suas percepções. Ela permite o questionamento crítico objetivo e bem focado. Essencialmente, a imaginação sociológica demanda transcender o individualismo mas sem sacrificá-lo como um valor fundamental. Guerreiros acadêmicos podem enfrentar problemas sociais e continuar sendo parte da sociedade.

Este uso pragmático da sociologia parte de um domínio único dentro da disciplina — a sociologia consensual.⁴⁶ A abordagem consensual segue uma longa tradição da aplicação da sociologia sobre uma audiência não acadêmica.⁴⁷ O guerreiro acadêmico aplicaria a sociologia consensual para obter soluções práticas a problemas sociais específicos usando a metodologia conhecida como o modelo de esclarecimento.⁴⁸ Em vez de desenvolver relacionamentos específicos de causa e efeito capazes de uma generalização mais ampla (o modelo de engenharia), o modelo de esclarecimento trabalha no sentido de resolver problemas a favor da edificação de instituições específicas dentro de um dado ambiente social.⁴⁹ Na sua aplicação, os guerreiros acadêmicos procuram soluções para situações das quais fazem parte, portanto, os oficiais precisam ter adestramento sociológico para compreenderem seus ambientes como um sistema maior e, em troca, educarem e servirem seus membros. O oficial subalterno faz isso por meio da aplicação da imaginação sociológica — reconhecendo o histórico da atual missão e o impacto potencial que atores atuais têm sobre seu futuro. Uma educação sociológica objetiva pode fornecer aos oficiais de armas combatentes as ferramentas para o raciocínio eficiente e eficaz nas variadas condições que cercam as missões do próximo século.

Sociólogos no Exército de Hoje

O desenvolvimento de guerreiros acadêmicos para lidar com a natureza mutante da guerra pressupõe uma maior quantidade deles que não está sendo satisfeita pelo atual sistema de recrutamento de oficiais. Essa situação exige uma revisão longitudinal. Três períodos representativos proporcionam uma base de referência:

- 1987 — a redução dos gastos com a defesa, durante

a presidência de Ronald Reagan (no final da Guerra Fria).

- 1992 — pós-Guerra Fria e a Operação *Desert Storm*.

- 1997- referência contemporânea.

A comparação do efetivo em cada ano fiscal permite avaliar a variedade de envolvimento militares dos EUA.⁵⁰ Desde o final da Guerra Fria, o Exército dos EUA mudou, de uma força desdobrada à frente atuando com um modelo de dissuasão bipolar, para um Exército de projeção de força baseado primariamente no território continental dos EUA. Sob a nova estratégia, o Exército se desdobra além mar principalmente para missões específicas, voltando depois ao território continental dos EUA.⁵¹ Devido a esta mudança e à ausência do envolvimento dos EUA em uma guerra formal em 1987, 1992 e 1997, a alteração do efetivo indica um envolvimento relativo do Exército dos EUA em novas, ou não tradicionais, formas de guerra. Sob condições ideais, uma alteração proporcional no número de oficiais com adestramento sociológico atenderia às necessidades do Exército para atuar nas formas não tradicionais de guerra.

A medida que o Exército vem sendo reduzido e adaptado para a projeção de força, o efetivo total tem na verdade diminuído durante os últimos dez anos.⁵² Porém, o número e a porcentagem de militares desdobrados fora de territórios estadunidenses (por outros motivos que não a OTAN, a Coreia ou o Japão) tem aumentado sistematicamente — mais ou menos o dobro a cada cinco anos. Novas obrigações diplomáticas explicam apenas parte desta tendência já que poucos oficiais são designados para funções em embaixadas. O aumento em quase três vezes de desdobramentos não ligados a tratados, demonstra claramente o maior envolvimento dos soldados em formas não tradicionais de guerra, um fato que reforça consideravelmente a necessidade por guerreiros acadêmicos.

O Exército tem que avaliar se já atendeu às mudanças no perfil da missão por meio do aumento no número de oficiais treinados em sociologia. Potencialmente, a instituição, como parte de um sistema social maior, pode já ter-se ajustado e estar formando guerreiros acadêmicos sem intervenção intencional. A comparação do número de oficiais que possuía um diploma em sociologia na data de 30 de setembro (1987, 1992 e 1997) ajuda a avaliar se o programa de recrutamento do Exército já atende às necessidades do novo campo de batalha.⁵³ Sob o sistema anterior de Educação Profissional Militar, ter um diploma em sociologia não garantia que os oficiais servissem em funções como guerreiros acadêmicos ou que aplicassem a imaginação sociológica. Estas limitações à parte, continua sendo importante verificar se o processo de recrutamento tem atendido a

necessidade de mais sociólogos servindo, mesmo que atuando em capacidade limitada.

Apesar da necessidade de mais guerreiros acadêmicos, o programa de recrutamento de oficiais não tem correspondido com uma equivalente admissão de sociólogos. O número total de oficiais sociólogos tem diminuído como resultado da redução de efetivos, mas, mais importante, a porcentagem de sociólogos tem permanecido relativamente constante em menos de um por cento e meio. O programa de recrutamento de oficiais do Exército não tem correspondido às mudanças da guerra ao deixar de obter mais oficiais com treinamento sociológico de onde poderiam ser formados guerreiros acadêmicos.

O sistema de Educação Profissional Militar tem respondido aos desafios do século XXI por meio de atualizações em seu currículo e recursos, mas estes esforços não têm sido suficientes para formar adequadamente os oficiais até pelo menos o nível de capitão antigo. Como os esforços de manutenção de paz são eficazes apenas enquanto a força empregada mantém a capacidade de operar dentro do espectro inteiro do conflito, os cursos básico e avançado de oficiais das armas combatentes permanecem ligados às funções tradicionais. Embora as escolas institucionais estejam fazendo valentes esforços para ampliar seu currículo e incluir operações militares de não guerra, permanecem focalizadas, principalmente, em suas funções básicas. Restrições orçamentárias impedem que as escolas desenvolvam habilidades de raciocínio e adestramento para lidarem com o ambiente ambíguo da guerra moderna. Como as escolas iniciais de Educação Profissional Militar atualmente não atendem às necessidades educacionais dos oficiais do século XXI e os cursos de aperfeiçoamento ocorrem demasiado tarde na carreira do oficial, a educação pré-oficialato torna-se crítica.

O Exército atualmente avalia seus oficiais por meio dos programas da Escola de Candidatos a Oficial (*Officer Candidate School—OCS*), da Academia Militar dos EUA (*U.S. Military Academy—USMA*) e dos Centros de Preparação de Oficiais de Reserva (*Reserve Officers Training Corps—ROTC*) nas universidades e faculdades de todo o país. Cada candidato tem uma obrigação contratual de obter um diploma de bacharel e o Exército deveria especificar, cada vez mais, os cursos de seu

interesse. A idéia de aumentar a especificidade da educação pré-oficialato não é nova. O currículo da Academia Militar, concentrado nas áreas de ciência, matemática e engenharia, produz líderes militares e técnicos excepcionais para lidarem com as constantes mudanças tecnológicas.⁵⁴ Infelizmente, a ciência aborda apenas um aspecto das mudanças. A Academia Militar dos EUA provê aproximadamente 25 por cento de todos os novos oficiais ativos do Exército. Outrossim, a ênfase acadêmica em ciências exatas aborda apenas uma de duas importantes mudanças na guerra — a tecnologia. A necessidade de uma mudança maior é aparente na Academia Militar dos EUA, pois as metas acadêmicas do diretor indicam claramente a necessidade de uma compreensão maior da cultura e do comportamento humano.⁵⁵ Em geral, os aspectos social e cultural das operações militares de não guerra e das guerras futuras carecem de tratamento sistemático da Educação Profissional Militar, especialmente no nível pré-oficialato.

Aulas universitárias baseadas nas ciências humanas podem provocar o velho debate sobre a valorização da abrangência ou da profundidade. O vice-presidente dos EUA, Dick Cheney, observa que “o equilíbrio ideal entre os métodos educacionais com ênfase maior nas artes liberais em vez dos que priorizam a ciência, a matemática e a engenharia, promete ser um dos maiores desafios do sistema da Educação Profissional Militar.”⁵⁶ Uma linha de ação sugere que cada oficial estude igualmente engenharia e as ciências humanas, enquanto a alternativa seria um profundo adestramento em um único campo com algum conhecimento do outro. O equilíbrio na educação pode não surgir do adestramento de indivíduos mas por meio de um corpo de oficiais com grande variedade de especialistas.

Enquanto o painel do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais considerou a educação em termos das ciências humanas e exatas, as mudanças atuais exigirão maior especificidade. Assim como as condições de guerra em 1850 tornaram o adestramento em certas disciplinas mais relevantes que outras, a guerra do século XXI exige adestramento em disciplinas específicas, mesmo que diferentes. A sociologia é uma área acadêmica com grande valor tático para os líderes modernos nas operações militares de não guerra. **MR**

Referências

1. Gerry Gilmore, “Panels: Army to Re-emphasize Leadership Principles,” *Army News Service* (Washington, DC: *US Army Public Affairs*, 11 September 1997); John Mikos, “New Officer Evaluation Reporting System,” in General (GEN) Dennis J. Reimer, *CSA Weekly Summary No. 96-50*, sua distribuição autorizada via correio eletrônico em 18 de dezembro de 1996.

2. Neste artigo, definimos as armas combatentes como aqueles elementos cujas tarefas essenciais à missão os coloca em contato direto com os outros principais atores da missão. Nas operações do século XXI, as atividades dos atores principais podem variar desde adversários armados dentro de um papel tradicional de combate até o prestar assistência a refugiados em uma missão humanitária.

3. Dick Cheney, “Professional Military Education: An Asset for Peace and Progress,” (Educação Profissional Militar: Um Recurso para a Paz e o Progresso) *A Report of the Center for Strategic and International Studies (CSIS) Study Group on Professional Military Education*, ed. Bill Taylor (Washington, DC: CSIS, March 1997), p. 1.

4. *Ibid.*, p. 60.

5. Martin Van Creveld, *The Training of Officers* (O Adestramento de Oficiais) (New York, Nova York: The Free Press, 1990); J. Crackel, “The Founding of West Point—Jefferson and the Politics of Security,” *Armed Forces and Society*, 7, 1980, 529-44; Morris Janowitz, *The Professional Soldier* (New York, Nova York: The Free Press, 1971).

6. John W. Masland e Laurence Radway, *Soldiers and Scholars: Military Education and*

- National Policy* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1957); James Shelburne and Kenneth Groves, *Education in the Armed Forces* (New York: The Center for Applied Research in Education Inc., 1965); John P. Lovell, "The Service Academies in Transition: Continuity and Change," *The System of Educating Military Officers in the US* (O Sistema de Educador Oficiais Militares nos EUA) ed. Lawrence J. Korb (Pittsburgh, PA: *International Studies Association*, University of Pittsburgh, 1976), pp. 35-50.
7. Van Creveld.
 8. Andrew Abbott, *The System of Professions* (O Sistema das Profissões) (Chicago, IL: University of Chicago Press, 1988).
 9. Shelburne and Groves, p. 54.
 10. *Ibid.*
 11. Mudanças da instrução como consequência dos avanços tecnológicos da guerra, ocorriam com regularidade.
 12. Masland and Radway.
 13. *Ibid.*, p. 81.
 14. *Ibid.*
 15. *Ibid.*
 16. William P. Snyder, "Leaders for the Volunteer Force: Problems and Prospects for ROTC," (Líderes para a Força Voluntária: Os Problemas e Perspectivas para o Centro de Preparação para os Oficiais de Reserva) no *The System of Educating Military Officers in the US*, (Sistema de Educação dos Oficiais Militares nos EUA) ed. Lawrence J. Korb (Pittsburgh, PA: *International Studies Association*, Occasional Paper No. 9, 1976).
 17. Masland and Radway; Janowitz, 1971.
 18. Masland and Radway, p. 104.
 19. Snyder, p. 72; Shelburne and Groves, p. 54; ROTC, "ROTC History (Unofficial)," *The ROTC Heritage*, (A Herança do Centro de Preparação para Oficiais de Reserva) 30 de janeiro de 1999, <<http://www.usarote.com/History/shist01.htm>> acessado em 18 de abril de 2001. Começando em 1909, alguns graduados do ROTC receberam comissões no Exército Regular mas estes, até o início da Guerra da Coreia, relegaram o ROTC a uma força de milícia.
 20. Snyder, p.72: "ROTC History." O ROTC é agora a maior fonte de comissões para oficiais de carreira — aqueles com a intenção de servirem mais que o mínimo exigido.
 21. Shelburne and Groves. Da mesma forma, o Exército percebeu que armas cada vez mais técnicas e complexas exigiam que todos os oficiais tivessem uma educação universitária. Assim, a Escola de Formação de Oficiais deixou de ser uma fonte de comissões para praças experientes e adotou outro método que comissiona graduados universitários de dentro e fora da força.
 22. Masland and Radway.
 23. A capacidade da Escola Militar dos EUA em produzir oficiais do Exército com as habilidades necessárias para as armas de artilharia e engenharia ilustra esse ponto.
 24. GEN Dennis J. Reimer, Chief of Staff, US Army, 99-01 *Random Thoughts While Running, e-mail, Subject: As we close out 1998 and enter calendar year 1999, 1 January 1999*, (Pensamentos ao Acaso Enquanto Corremos, correio eletrônico, Assunto: Chegando ao fim de 1998 e começando 1999, 1 de janeiro de 1999) Douglas MacGregor, *Breaking the Phalanx* (Quebrando a Falange) (West Port, CT: Praeger Publishers, 1997).
 25. Reimer, pp. 99-02 *Random Thoughts While Running, e-mail, Subject: Senior Leaders Training Conference at Camp Robinson, Alaska, 26 January 1999* (Pensamentos ao Acaso Enquanto Corremos, correio eletrônico, Assunto: Conferência de Adestramento dos Líderes Sêniores no Campo Robinson, Alasca, 26 de janeiro de 1999).
 26. "Thinking Through the End of the Cold War," (Pensando no Final da Guerra Fria) (*The Adaptive Military: Armed Forces in a Turbulent World*, (O Militar Adaptável: As Forças Armadas em um Mundo Turbulento) ed. James Burk, (New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1998), pp. 25-48; James Burk, *What We Should Know About Armed Forces in Democratic Societies* (O Que Devemos Saber sobre Forças Armadas em Sociedades Democráticas), observações preparadas para a Agenda da Educação da Defesa nas Américas: A Conferência sobre os Novos Desafios no Ensino e Pesquisas patrocinada pelo Centro de Estudos Hemisféricos da Defesa (*Defense Education Agenda in the Americas: New Challenges for Teaching and Research Conference sponsored by the Center for Hemispheric Defense Studies, National Defense University*), em Williamsburg, Virginia, 8-11 de novembro de 1998.
 27. William Thompson, "The Future of Transitional Warfare," *The Adaptive Military: Armed Forces in a Turbulent World* (O Futuro da Guerra em Transição, "O Militar Adaptável: As Forças Armadas em um Mundo Turbulento"), pp. 87-114.
 28. QG, Departamento do Exército, Diretoria Administrativa, *Leading Change: Modular Briefing on Total Army Quality* (Liderando Mudanças: Palestra Modular sobre Qualidade Total no Exército) (Alexandria, VA: *Office of the Chief of Staff, US Army*, 1998).
 29. Diane Foley e Alma Steinberg, "Operation Joint Endeavor: Research Project and Final Report," (Operação Esforço Conjunto: Projeto de Pesquisa e Relatório Final) *Army Research Institute Special Report* (Relatório Especial do Instituto de Pesquisas do Exército) p. 38 (Alexandria, VA: *US Army Research Institute for the Behavioral and Social Sciences*, 1998).
 30. Allan Johnson, *Blackwell Dictionary of Sociology: Users Guide to Sociological Language* (Cambridge, MA: Blackwell Publishers Inc., 1995), p.269.
 31. Mady Wechsler Segal, David R. Segal e John M. Wattendorf, "The Sociology Program in a Professional School Setting: The United States Military Academy," (O Programa de Sociologia na Escola Profissional: A Academia Militar dos EUA) *Teaching Sociology* (Ensinando Sociologia), 1990, p. 56.
 32. David R. Segal, *Organizational Designs for the Future Army* (Desenhos de Organização para o Exército (Alexandria, VA: *US Army Research Institute*, 1993).
 33. *Ibid.*, p. 39.
 34. Christopher Dandeker e James Gow, "The Future of Peace Support Operations: Strategic Peacekeeping and Success," (O Futuro das Operações de Apoio à Paz: A Manutenção da Paz e Sucesso Estratégicos) *Armed Forces and Society* (As Forças Armadas e a Sociedade) 1997, pp. 327-48.
 35. Fred A. Mael, Robert N. Kilcullen e Leonard A. White, "Soldier Attributes for Peacekeeping and Peacemaking," (Os Atributos do Soldado para Conseguir a Paz e para a Manutenção da Paz) *Reserve Component Soldiers as Peacekeepers* (Soldados do Componente da Reserva Mantendo a Paz), editores. Ruth H. Phelps e Beatrice J. Farr (Alexandria, VA: *US Army Research Institute for the Behavioral and Social Sciences* (Instituto de Pesquisa de Ciências Sociais e do Comportamento), 1996, p. 43.
 36. Janowitz, p. 428.
 37. *Ibid.*, p. 424.
 38. *Ibid.*, p. 6, "the highest ranking officer" (O oficial mais graduado) mais capaz de comandar e influenciar outros.
 39. *Ibid.*, p. 425.
 40. Tecnólogos militares eram vistos de forma distinta em virtude da tradicional resistência a seus esforços para integrarem novas tecnologias. A pesquisa atual pode determinar se essa resistência ainda existe.
 41. C. Wright Mills, "The Sociological Imagination: The Promise," (A Imaginação Sociológica: A Promessa) *Down to Earth Sociology: Introductory Readings*, (Sociologia Simples: Introdução) 9ª edição, ed. J. Hensling, 1997 (New York, NY: The Free Press, publicada primeiro em 1959), pp. 19-26. Ironicamente, Mills questionou severamente os militares, assim como a elite política e industrial, como membros distintos da elite do poder.
 42. *Ibid.*, pp. 20-21.
 43. *Ibid.*
 44. C. Wright Mills, *The Causes of World War Three* (As Causas da Terceira Guerra Mundial) (New York, NY: Simon and Schuster, 1958).
 45. Mills, "The Sociological Imagination," (A Imaginação Sociológica) p. 22.
 46. Edward Shils, "The Calling of Sociology," (A Chamada da Sociologia) *The Calling of Sociology and Other Essays in the Pursuit of Learning* (A Chamada da Sociologia e outras Composições na Busca da Educação) (Chicago, IL: University of Chicago Press, 1980), p. 80. Quase sempre imaginamos os sociólogos como trabalhando na modalidade tecnológica — servindo ao governo avaliando as políticas sociais — ou na modalidade da oposição — procurando expor as deficiências da elite. Nenhuma das duas abordagens serve para os oficiais militares subalternos.
 47. *Ibid.*
 48. *Ibid.*, pp. 91-92. A sociologia consensual é um tipo abrangente de investigação sociológica que não pode ser totalmente absorvida pelos tipos científico e teórico da sociologia acadêmica.
 49. Morris Janowitz, "Theory and Policy: Engineering versus Enlightenment Models," (Teoria e Política: A Engenharia versus os Modelos de Esclarecimento) *Morris Janowitz on Social Organization and Social Control*, (A Organização e Controle Social) ed. James Burk (Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1991), pp. 86-95.
 50. Department of Defense, Headquarters Service Directorate of Information Operations and Reports, Active Duty Military Personnel Strengths by Region, Area and Country, (Departamento de Defesa, Diretoria das Operações de Informações e Relatórios, Número de Pessoal Militar da Ativa por Região, Área e País) <<http://web1.whs.osd.mil/mmidhome.htm>>, 1999.
 51. Desde uma perspectiva regional ou macro, supõem-se que o número de militares desdobrados no exterior como ligações permanentes em postos diplomáticos é relativamente constante ou sem maiores consequências.
 52. A postura de prontidão da projeção de força mantém a maioria das divisões de combate do Exército no território continental dos EUA e desdobra unidades conforme necessário. Esta condição contrasta com o Exército repositionado da Guerra Fria, que colocava divisões de combate em teatros de operação antecipados, como a Alemanha.
 53. O Instituto de Pesquisas do Exército avaliou fichas individuais de pessoal militar mantidas pelo Subdiretor do Estado-Maior de Pessoal, Academia Militar dos EUA, *West Point*, New York em 1999.
 54. Cheney, p. 27.
 55. Escritório do Diretor, *USMA, Educating Army Leaders for the 21st Century Army* (Educando Líderes para o Exército do Século XXI) (*West Point*, NY: *USMA Academic Board and Office of the Dean*, 1998).
 56. Cheney, 60.

O Major Scott L. Efflandt é oficial executivo do 2º Btl, 12º Regimento de Cavalaria, 2ª Brigada, 1ª Divisão de Cavalaria, Forte Hood, Texas. É bacharel pela Southern Illinois University, mestre pela Texas A&M University e graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. Serviu em várias funções de comando e estado-maior, incluindo a de instrutor no Departamento de Ciências do Comportamento e Liderança, na Academia Militar dos EUA, em West Point, Nova York; e comandante, Tropa B, 1ª Esquadrão, 3º Regimento de Cavalaria Blindada no Forte Carson, Colorado.

O Major Brian J. Reed é oficial de operações do 1º Btl, 22º Regimento de Infantaria, 1ª Brigada, 4ª Divisão de Infantaria no Forte Hood, Texas. É bacharel pela Academia Militar dos EUA, mestre pela University of Maryland e graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. Serviu em várias funções de comando e estado-maior, incluindo a de instrutor no Departamento de Ciências do Comportamento e Liderança, na Academia Militar dos EUA em West Point, Nova York; e comandante da Companhia A, 2º Batalhão, 27ª Divisão de Infantaria, 25ª Divisão de Infantaria, Schofield Barracks, no Havai.